

CORPOS FIXOS E IDENTIDADES FLUIDAS: *FELICIDADE DEMAIS*

FIXED BODIES AND FLUID IDENTITIES: *TOO MUCH HAPPINESS*

ANA JÚLIA POLETTO ¹

¹ Universidade de Caxias do Sul (UCS). Mestre em Teoria Literária, Doutoranda em Leitura e Processos Culturais na Universidade de Caxias do Sul (UCS) – Brasil. (e-mail: ajpoletto@ucs.br ou najupo@gmail.com)

Resumo

Ao analisar o conto *Felicidade Demais*, da autora canadense Alice Munro, efetuámos uma releitura da história e da constituição das identidades femininas, dentro de algumas correntes feministas. A ampliação do espaço de debate sobre o universo feminino, entrecruzando Literatura e História, ilumina padrões aceitos inconscientemente, tirando-os da penumbra, com possibilidade de mudança.

Palavras-chave: Literatura, História feminina, identidade feminina, Alice Munro.

Abstract

When analyzing the story *Too much happiness*, by the Canadian author Alice Munro, we undertook a re-reading of the history and constitution of female identities within some feminist currents. The expansion of the space for debate about the feminine universe, intertwining Literature and History, illuminates unconsciously accepted patterns, removing them from the shadow, with the possibility of change.

Keywords: Literature, feminine History, feminine identity, Alice Munro.

1 - Nota introdutória

“Como é terrível, pensa Sophia. Como é terrível a sina das mulheres. E o que essa mulher poderia dizer se Sophia lhe contasse sobre as novas lutas, a batalha das mulheres pelo voto e postos na universidade? Ela talvez dissesse: Mas não é a vontade de Deus. E se Sophia a incitasse a se livrar desse Deus e aguçasse sua mente, será que não olharia para ela – Sophia – com uma pena obstinada, e diria: Como aguentar viver esta vida sem Deus?”

(Alice Munro, *Felicidade Demais*)

Literatura e História há muito andam juntas: na criação ficcional, nas leituras de mundo, no repensar das narrativas. “O ato de narrar une sempre Literatura e História” (Conforto, 2001: 11) e, assim como o historiador se posiciona quando do recorte que decide analisar, a ficção se mostra como “espaço discursivo onde a História foi registrada na voz dos diversos narradores e personagens” (Conforto, 2001: 43).

A Literatura, como fonte para desvendar a História através do olhar do leitor, é relevante para os estudos interdisciplinares. Neste artigo, assim como no referido conto, os fios narrativos, históricos e literários tecem um universo real-imaginário-simbólico que nos mostra como o equilíbrio mundano é tênue e se faz na tensão entre real e ficção.

A personagem¹ que Munro nos mostra, traz à tona uma mulher num setor que até hoje não é muito frequentado por mulheres: as ciências exatas. Talvez o obstáculo esteja na recente inclusão das mulheres no meio acadêmico, já que, no passado, as universidades não eram abertas ao público feminino, que ficava ilhado em suas casas, no ambiente privado. E também porque o pensamento “racional” sempre foi vinculado ao masculino, cabendo às mulheres a parte “sensível”. Sophia, mesmo com os estudos matemáticos aprofundados, não teve um caminho fácil para ser docente na universidade.

Das inúmeras formas de narrar, escolhemos um conto: *Felicidade demais*², da canadense Alice Munro, ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura em 2013. A autora tem quatorze livros publicados, todos dentro do gênero conto, considerado por muitos um gênero menor na literatura. Sua primeira publicação foi em 1968, e ganhou diversos prêmios antes do Nobel³.

¹ Quando nos referirmos à personagem neste artigo, estamos nos utilizando da personagem “criada” pela leitura de Munro, sobre a personagem real Sophia, já que analisamos apenas o conto da escritora canadense, sem outros estudos aprofundados sobre a biografia da matemática russa.

² Para as citações neste artigo, utilizaremos a obra traduzida e publicada no Brasil. Munro, Alice (2010). *Felicidade demais*. Trad. Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

³ Foi premiada em 1998 pelo National Book Critics Circle dos Estados Unidos e em 2009 foi vencedora do Man Booker International Prize.

2 - Breve caracterização da protagonista de *Too much happiness*

Sobre o conto escolhido, podemos adiantar alguns aspectos. Originalmente publicado no Canadá, em 2009, esse conto, título homônimo do livro (*Too much happiness: stories*), conta a história de uma personagem real: Sofia Vasilyevna Kovalevskaya ou, como no conto, Sophia Kovalevsky. Essa matemática russa, nascida em 1850 e falecida em 1891, é uma das primeiras mulheres a serem aceitas como docente de matemática na Universidade de Estocolmo. Alice Munro traça alguns passos da vida desta célebre cientista, mostrando a questão do feminino nesses tempos idos de 1870-1890, período que está compreendido ainda na chamada *primeira onda* do feminismo, em que alguns direitos básicos, como direito ao voto, ainda não haviam sido conquistados.⁴

Sophia nasce logo após a Revolução Russa de 1848. Em breve ela irá estudar em Berlim, Paris, Estocolmo, participando, direta ou indiretamente, de fatos marcantes da época, como a Comuna de Paris, de 1871, e a Primeira Internacional. Teve um casamento “branco” com Vladimir Kovalevsky: unidos no papel, não lhe era exigido o cumprimento de seus “deveres” de esposa. O intuito era sair da Rússia para estudar na Europa⁵.

Sophia Kovalevsky estuda em Berlim com Weierstrass, um grande matemático alemão, e desenvolve importantes teorias, dentre elas, a *teoria das equações diferenciais parciais* o que lhe confere o prêmio Bordin⁶. Após seu primeiro marido ter se suicidado em 1882, Kovalevsky envolve-se com Maksim Maksimovich Kovalevsky, sociólogo russo que foi indicado ao Nobel da Paz em 1912. Além de matemática, Sophia é romancista, escreve suas memórias⁷ e, posteriormente, uma obra inspirada na irmã⁸ Anna. Em 1891, morre, aos 41 anos, de pneumonia e problemas cardíacos. Esses são alguns dados encontrados na biografia de Sophia que Alice Munro utilizou para “reescrever” a sua versão em *Felicidade Demais*⁹.

⁴ O direito ao voto foi conquistado pelas irlandesas e inglesas em 1918 e pelas norte-americanas em 1919. As francesas, chamadas de *suffragettes*, ainda estavam em luta pelo voto em 1935.

⁵ Sua irmã, Anna Jaclard, feminista russa, teve proposta de casamento feita por Fiódor Dostoiévski. Não aceita o pedido e, anos mais tarde, o escritor transforma-a em Aglaya, no romance *Idiota*.

⁶ Importante prêmio francês (Prix Bordin), concedido desde 1835. É o segundo prêmio mais importante da Academia Francesa de Ciências.

⁷ Kovalevskaya, Sofya (1978). *A russian childhood*. Alabama, EUA: Stillman Ed.

⁸ Kovalevskaya, Sofya (2002). *Nihilist girl*. Modern Language Association of America.

⁹ Obra citada nos Agradecimentos ao final do conto: Don H. Kennedy (1983). *Little sparrow: a portrait of Sophia Kovalevsky*. Athens, Ohio: Ohio University Press.

3 - Alice Munro como leitora da História feminina

Alice Munro, que, como Sophia, assume o sobrenome do primeiro marido¹⁰, nunca se declarou feminista, mas, em seus contos, apresenta realidades femininas para que os leitores cheguem a suas conclusões. Ao contar, através do seu olhar feminino, a história de Sophia Kovalevsky, a autora canadense nos mostra a sua visão peculiar do mundo feminino, traçando um esboço da própria história feminina, através da sua escrita.

O conto, gênero em que Alice Munro tem domínio e maestria, é de difícil definição. Assim como as identidades, os conceitos são fugidios. Alguns teóricos apontam a extensão, a intensidade e a tensão¹¹ como elementos primordiais para distinguir o conto, por exemplo, do romance. Os contos munrianos fogem um pouco do quesito extensão, por serem contos mais longos¹², mas esbanjam intensidade e tensão. *Felicidade Demais* traz a visão de Munro, como leitora da realidade feminina, questionadora, tanto da realidade que se apresenta (optando pela escolha de uma personagem baseada numa mulher “real”), quanto da própria condição feminina contemporânea. Sophia e Anna, sua irmã, foram mulheres que desafiaram os espaços públicos, saindo em busca de uma igualdade em forças intelectuais, mas conservando suas diferenças: o feminino como forma de pensar e ver o mundo patriarcal. Mulheres que apesar de tudo reafirmaram seus valores e questionaram valores já estabelecidos.

O recorte que a autora escolhe são os fatos principais das conquistas de Sophia, no entanto, o enfoque não está em seus prêmios, seus estudos, mas em seu lado humano como mulher. O conto não percorre um tempo linear, histórico, mas antes um tempo cíclico, que avança e retrocede, até “estacionar” numa longa viagem de trem que liga Nice (França) a Estocolmo (Suécia). Nesse trem simbólico, a personagem, estática em seu assento, além de percorrer quilômetros entre países, viaja pelo seu próprio interior, resgatando memórias, levando o leitor a percorrer seus questionamentos, numa trajetória imprecisa, mas profunda. O conto nos mostra que a ‘parcialidade’ das emoções como parte do discurso feminino, contrário à racionalidade masculina, não é uma parcela que deva ser excluída, mas sim reintegrada à história: a mulher, com sua singular forma de ver o mundo, não necessita abdicar da sua sensibilidade para adentrar esse universo ‘racional’.

Munro nos leva até 1870, sem nos deixar esquecer que muitas semelhanças ainda existem entre aquele tempo e os tempos atuais. Se a luta feminista trouxe avanços, deixando o lado exclusivo das diferenças biológicas para trás, e traçando a pluralidade de identidades fluidas, não demarcadas mas mutantes, a própria mulher, ainda fragmentada,

¹⁰ Alice Munro nasceu Alice Ann Laidlaw (1931, Ontário, Canadá). Casa-se com Michael Munro em 1951. Divorciou-se em 1972, casando-se novamente em 1976 com Gerald Fremlin, conservando o sobrenome do primeiro marido.

¹¹ Cortázar, Júlio (1993). Alguns aspectos do conto. In: Júlio Cortázar. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva: 147-163.

¹² “Felicidade demais”, por exemplo, tem 62 páginas.

busca nessa fluidez o seu lugar: mãe, trabalhadora, cientista, escritora. Simone de Beauvoir (1980) na *segunda onda* do movimento feminista vai definir a mulher como sendo “o Outro”, em oposição ao homem. E é nesse espaço de alteridade que a identidade feminina se constitui. Em épocas mais recentes, os conceitos baseados nas “simples” oposições binárias demonstram que existem vários pesos e muitas medidas: um dos lados da balança é privilegiado, em detrimento do outro (Tomaz, 2013).

Nessa busca incessante pela interação de um mundo com o outro, os questionamentos se multiplicam: como “podem as mulheres ser diferentes dos homens sem serem opostas a eles?” (Woodward, 2013: 53). Esta é uma questão que ecoa no discurso feminista, na busca de um movimento que não seja pura oposição, já que nesse caso, seria apenas a inversão do polo do poder. A renúncia ao binarismo homem/mulher seria uma das opções para um feminismo pós-moderno (Sorj, 1992), pelas múltiplas possibilidades existentes nessa relação.

Sophia foi uma grande matemática, romancista, e também, mãe, uma vez que não abdicou do papel atribuído à mulher. O conto nos mostra os feitos notáveis da cientista, mas também seu lado materno (fora dos padrões aceitos pelo pensamento masculino). Em meio a teorias, cálculos e equações, Fufu – a filha – aparece, para lembrar ao leitor que sim, Sophia é mulher, cientista, e mãe. Munro também nos lembra do lado “sensível” da personagem, quando esta vira as costas à matemática, no verão de 1874:

O aroma dos campos de feno e dos pinheirais, os dourados dias de verão e as longas noites claras do norte da Rússia a inebriaram. Havia piqueniques e peças amadoras, bailes, aniversários, as boas-vindas de velhos amigos e a presença de Aniuta, feliz com seu filho de um ano. Vladimir também estava lá, e naquela atmosfera tranquila de verão com o calor e o vinho e os alegres e demorados jantares, danças e cantorias, foi natural entregar-se a ele, confirmando-o depois de tanto tempo não apenas como seu marido, mas como seu amante. Isto não foi apenas porque ela se apaixonara por ele. Ela estava grata, e se convencera de que um sentimento como o amor não existia na vida real (Munro, 2010: 316).

A mulher-mãe-esposa parece se reconhecer no papel a ela sempre atribuído ao longo da história. A narradora conduz a narrativa de forma que os leitores percebam que o movimento de reconhecer-se e desconhecer-se existe, e, algumas páginas à frente, talvez correspondentes a alguns anos na vida da Sophia empírica, deparamo-nos com:

A essa altura Sophia pressentiu o perigo. Os Ragozin não gostavam dela e ela não gostava deles. Vladimir estava agora cada vez mais sob o poder deles. Esses são agora os homens, ele dizia, não perdem tempo com bobagens. Tornou-se distante, assumiu um ar rude e superior. Diga uma única mulher importante de verdade, ele dizia. Uma que tenha feito alguma diferença efetiva no mundo, exceto seduzindo ou assassinando homens. Elas são congenitamente retrógradas e autocentradas, e se têm uma ideia na cabeça, qualquer ideia a que se dedicar, tornam-se histéricas e põem tudo a perder com seu egocentrismo. (Munro, 2010: 318-319)

Essas passagens demonstram o movimento de conhecimento/desconhecimento, e como Munro elabora o texto de forma a colocar a “visão” masculina (contrapondo-se ao momento quase epifânico anterior), justamente na voz da personagem do marido, transpondo para o texto os estereótipos que, por séculos, percorrem muitas das obras circulantes. A narradora se vale desse monólogo masculino para repassar ao leitor não simplesmente uma opinião da personagem, mas de toda uma representação histórica.

O conto nos apresenta uma personagem que, mesmo com todo seu potencial dito “racional”, tem que lutar por seu espaço pelo simples fato de ser mulher. Não importa se as suas teorias são inovadoras, não importam os prêmios ganhos nem o título de doutora pela maestria dos estudos¹³. Descurando tudo isso, vinha a constatação: ela era uma mulher.

Então deram-lhe o prêmio Bordin, beijaram sua mãe e dedicaram-lhe discursos e flores em ambientes luxuosa e elegantemente iluminados. Mas lhe haviam fechado as portas quando se tratou de arrumar-lhe um emprego. Prefeririam antes empregar um chimpanzé ensinado. (Munro, 2010: 299)

Ela só obtém um emprego quando o antigo professor Weierstrass, através de contatos com um amigo, Mittag-Leffler, consegue para ela o cargo de professora de matemática na universidade de Estocolmo¹⁴. Somente os suecos, com suas neutralidades, para esquecerem o fato de ela ser mulher.

Munro não poupa nem mesmo o professor, numa passagem em que Sophia o visita e comentam sobre o fato de ela ser também escritora:

¹³ Sophia obteve o grau de doutora sem necessitar defender sua tese.

¹⁴ “Primeira universidade da Europa a contratar uma mulher como professora de matemática” (Munro, 2010: 320).

A censura russa não vai deixar ser publicado e o resto do mundo não vai querer ler porque é muito russo.

‘Geralmente eu não gosto de romances’.

‘São coisas de mulher?’

‘Na verdade, às vezes me esqueço que você é mulher. Penso em você como... como...’

‘Como o quê?’

‘Como um presente só para mim’. (Munro, 2010: 314)

O “esquecer” que ela é mulher, reforça a ideia que percorre toda a narrativa: *lembrar-nos* que ela é *sim* uma mulher. Aproveitamos de mais algumas linhas, quando a narradora descreve a personagem, num tom irônico: “Enquanto ela era uma absoluta novidade, uma aberração deliciosa, a mulher com dons matemáticos e timidez feminina, bastante sedutora, embora tivesse um cérebro de atributos muito pouco convencionais, sob as madeixas cacheadas”. (Munro, 2010: 281). A ironia é considerada um traço bastante presente na literatura canadense, e talvez seja uma força importante no conto. Como bem lembra Giardinelli (1994), a ironia cria a distância necessária para que consigamos fazer uma leitura crítica. Através do uso da ironia, Munro graceja com a opinião de Sophia a respeito do seu amante Maksim, personagem que na trama desestabiliza seu equilíbrio, lançando-a num mundo mais visceral (atribuído, portanto, ao feminino). “Mimado e invejoso, na verdade. (...) Por sorte ele havia se esquecido, dizia, que ela era uma romancista além de matemática. Que frustração para o parisiense que ele não era nenhuma das duas coisas. Um mero acadêmico, e homem. De fato, que grande piada”. (Munro, 2010: 286).

Contra todas as adversidades na história das mulheres, principalmente no âmbito acadêmico (mesmo quando, depois da revolução industrial, elas tenham migrado para os cargos acadêmicos com mais facilidade) das Ciências Exatas, Munro, através da ironia, da sensibilidade, da trajetória escolhida, desenha o papel da mulher (assim como o do homem) nesse oscilar entre espaços públicos e privados, e daí a necessidade da construção de novos paradigmas (Zinani, 2013). Esses paradigmas têm na literatura uma forte aliada em termos da sua disseminação.

Nessa história das mulheres, lembramos que “a mulher, devido ao exercício da maternidade é excluída das atividades guerreiras” (Zinani, 2013: 71) e o macho guerreiro, que mata, que conquista, é quem assume o poder. A mulher ficou confinada ao âmbito privado, aos cuidados dos filhos e da casa. Também esse ponto não passa despercebido à narradora, que coloca uma luz fugaz sobre o tema, como numa carta que Maksim manda a ela, quando, invejoso, descontente pelos holofotes estarem sobre Sophia e não sobre ele, escreve: “Seus alunos haveriam de precisar dela, assim como sua filha pequena. (Uma

pontada, uma sugestão familiar para ela, em sua maternidade ausente?)” (Munro, 2010: 281). A pergunta, colocada entre parêntesis, indica a ambiguidade do questionamento: narradora, autora e personagem se interrogam, levando o leitor a interrogar-se também. No trecho “de volta à sua pequena Fufu, supostamente negligenciada mas devastadoramente feliz” (Munro, 2010: 281) a utilização do lexema “supostamente” mostra que a narradora não concorda com o fato de, por Sophia ter uma carreira acadêmica, não poder também optar por ser mãe. E não uma mãe negligente.

Como em toda a contística munriana, *Felicidade demais* não foge ao fato de expandir ao máximo as questões femininas. As irmãs do professor Weierstrass, matemático exímio, dedicam suas vidas a cuidarem do irmão, para que nada o importune, para que ele tenha tempo para se dedicar à matemática, aos estudos e aos alunos, enquanto elas cuidam do ambiente propício para o que o gênio se desenvolva. Prática corrente na história das mulheres, Virgínia Woolf já reivindicava para si um “teto todo seu”¹⁵, bem como questionava a instituição acadêmica voltada apenas para os homens, enquanto as mulheres só podiam (quando podiam) estudar em casa. Sophia analisa as irmãs do professor:

subiu a escada pensando não no professor, mas naquelas mulheres que fizeram dele o centro de suas vidas. Tricotando cachecóis, cerzindo linho, fazendo pudins e conservas que jamais confiariam a uma empregada. Honrando a Igreja Católica romana como o irmão – uma religião fria e sem graça na opinião de Sophia – e tudo aquilo sem um momento sequer de rebeldia, até onde se podia ver, ou nenhum sinal de insatisfação (Munro, 2010: 312).

É nessa acomodação dos papéis femininos e masculinos que a sujeição feminina se instala, reforçando os padrões já instaurados. O reforço desses padrões é feito através dos discursos dominantes, sejam eles masculinos ou femininos, discursos que dominam o imaginário comum, e que atravessam as falas, tanto de homens quanto de mulheres. Quase ao final do conto, a narradora nos dá uma pincelada de um titubear no pensamento de Sophia, quando essa se questiona a respeito do seu amor por Maksim, enquanto está no trem, e se pergunta se algum dia ele embarcaria num trem como esse (numa interpretação dúbia, de que o trem é também uma condição, na fala da personagem, a condição feminina):

¹⁵ Woolf, Virginia (2007). *A room of One's Own*. In: Virginia Woolf. *The selected works of Virginia Woolf*. London: The Wordsworth Library Collection.

Elas se incomodariam se alguém as chamasse de dóceis, e no entanto, de certo modo elas o são. Submetem-se ao comportamento masculino. Submetem-se ao comportamento masculino com todos os riscos e crueldades, seus fardos complexos e fraudes deliberadas. Suas regras, das quais muitas vezes se podem tirar benefícios, quando se é mulher, e algumas das quais não se pode.(Munro, 2010: 329)

Parece, nesse parágrafo, que a narradora desiste de questionar, submetendo-se ao pensamento dominante patriarcal. Mas não é essa a nossa leitura. Lemos o trecho como uma narradora externa falando do modo como “elas o são” e que, em alguns momentos da narrativa, se assemelham à narradora, à leitora, à própria Sophia em sua vida, mas que, de qualquer forma, se rebela contra essa ordem preestabelecida. No conto, a personagem escreve uma carta à amiga, em dúvida quanto à atitude que irá tomar e resolve: “Felicidade, afinal. Felicidade” (Munro, 2010: 285). O que nos parece, na leitura, é que Munro, através da sua narradora e da sua personagem, nos mostra que, apesar de toda a história e pensamento ainda serem predominantemente patriarcais, ainda assim há escolha, consciência de ler o mundo de outra forma, e optar. A busca pela identidade feminina deve ser constante. Se, no mundo atual, as identidades, que são fluidas, são uma busca “incessante de deter ou tornar mais lento o fluxo, de solidificar o fluido, de dar forma ao disforme” (Bauman, 2001: 97), a noção de algo fixo é momentânea, externa, e não intrínseca à identidade, podendo ser alterada constantemente.

4 - Conclusão

Felicidade demais nos mostra que as mulheres, ao tomarem consciência das forças simbólicas existentes nos espaços, mesmo não conseguindo modificar suas realidades de forma permanente (na modernidade líquida, tudo se dilui), estarão conscientes das armadilhas existentes podendo escolher a forma com que querem viver.

Através do diálogo entre a História e a Literatura, parece-nos haver esse movimento entre sólido e fluido. As narrativas podem fazer as transformações necessárias para que as identidades possam transpor essa barreira entre mundos aparentemente incomunicáveis. O líquido se solidificando, e o sólido se diluindo, movimentos complementares e necessários, e bastante fugidios para se conceituarem. Através da leitura das narrativas histórico-literárias, as mulheres podem reconhecer os modelos que

atravessam séculos de pensamentos patriarcais instituídos, para terem a consciência de fazerem suas escolhas, sem terem que, inconscientemente, se fixarem a trajetões fixos.¹⁶

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bauman, Zygmunt (2001). *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar.
- Beauvoir, Simone de (1980). *O Segundo sexo*. Trad. Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Conforto, Marília (2001). *Faces da personagem escrava*. Caxias do Sul: EDUCS.
- Cortázar, Julio (1993). Alguns aspectos do conto. In: Júlío Cortázar. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva.
- Costa, Albertina de Oliveira & Bruschini, Cristina (1992). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas.
- Giardinelli, Mempo (1994). *Assim se escreve um conto*. Trad. Charles Kiefer. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Hall, Stuart (2013). Quem precisa da identidade? In: Tomaz Tadeu da Silva (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Holanda, Heloisa Buarque de (Org.) (1994) *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.
- L'Institut Français de L'Éducation (IFE) (2013). Disponível em:
<<http://www.inrp.fr/edition-electronique/lodel/dictionnaire-ferdinand-buisson/document.php?id=2194>>.
Acesso em 10 nov 2013.
- Munro, Alice (2010). *Felicidade demais: contos*. Trad. Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Silva, Tomaz Tadeu da (2013). A produção social da identidade e da diferença. In: Tomaz Tadeu da Silva (Org)., *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Sorj, Bila (1992). *O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade*. In: Albertina de Oliveira Costa & Cristina Bruschini. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- Woolf, Virginia (2007). *A room of One's Own*. In: Virginia Woolf. *The selected works of Virginia Woolf*. London: The Wordsworth Library Collection.
- Woodward, Kathryn (2013). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu da Silva (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Zinani, Cecil Jeanine Albert (2013). *Literatura e gênero: a construção da identidade feminina*. 2ª ed. Caxias do Sul, RS: Educus.

Recebido: 28 de julho de 2014.

Aceite: 2 de setembro de 2014.

¹⁶ Sophia Kovalevsky desenvolveu a teoria chamada "Sobre o problema da rotação de um corpo sólido em torno de um corpo fixo", análise dos Anéis de Saturno. Após sua morte, seu nome foi dado a uma cratera lunar: Cratera Kovalevskaya (115 km de diâmetro).